

**39º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**

**GT 19 INTELLECTUAIS, CULTURA E DEMOCRACIA**

**“A ARTE NÃO É FUNDAMENTAL. A PROFISSÃO DO  
INTELLECTUAL É SER REVOLUCIONÁRIO”: A  
ATUAÇÃO INTELLECTUAL DE MÁRIO PEDROSA NA  
IMPRESA ENTRE 1945 E 1968**

**Josnei Di Carlo Vilas Boas**

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo central apresentar a atuação intelectual de Mário Pedrosa na imprensa entre 1945 e 1968. Inicialmente, volta-se para sua trajetória intelectual e política. Depois, para sua atuação intelectual. O artigo, portanto, está dividido em duas seções: a primeira detém-se sobre sua formação intelectual e política e a segunda fixa-se em sua obra, transbordando para a apresentação da obra anterior e posterior do período escolhido para o artigo por motivos didáticos de situar uma parte da obra de Pedrosa no interior de toda sua produção intelectual.

A formação pedrosiana é tomada como o período em que antecede a elaboração de *Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil* (doravante, *Esboço*), pois este ensaio redigido em conjunto com Lívio Xavier durante a Revolução de 1930 tornou-se a primeira obra a sintetizar as experiências políticas acumuladas por Pedrosa em suas três primeiras décadas de vida e o impulso inicial de uma produção intelectual que se prolongaria por mais cinco décadas. Seus interesses diversificados já se delineavam durante sua formação. No que diz respeito ao *conteúdo* de seu pensamento, a preocupação em refletir sobre arte e política. Em relação à *forma* de seu pensamento, a urgência em fazer suas ideias circularem o levou a privilegiar a produção de textos mais para periódicos do que para livros.

Por causa dessa particularidade da obra pedrosiana, a segunda seção deste artigo parte da forma para delinear o conteúdo do pensamento de Pedrosa. Primeiro, apresenta suas colunas destinadas aos grandes jornais, onde se profissionalizou enquanto crítico de arte, embora não deixasse de escrever sobre política, posicionando-se como um *intelectual público*. Em seguida, expõe os periódicos criados por ele, onde agrupava outros intelectuais em torno de suas ideias e as difundia no meio social. Por fim, brevemente, por não ser a preocupação central deste artigo, exhibe seus livros, cujas edições ocorreram após ele ter se tornado um intelectual público, com seus dois primeiros livros de política – *A opção imperialista* e *A opção brasileira*, de 1966 – sendo publicados depois de décadas com o autor mais preocupado em publicizar suas ideias do que sistematizá-las. Entretanto, ao procurar sistematizar suas ideias políticas sob o impacto do Golpe de 1964, Pedrosa recuperou *Esboço* – o ensaio-síntese de sua formação intelectual e política, que marcou o início de uma longa trajetória sempre preocupada em

pensar a política e intervir no processo social brasileiro – e algumas de suas colunas publicadas na imprensa.

## 1 A FORMAÇÃO DO INTELLECTUAL PÚBLICO

Mário Xavier de Andrade Pedrosa nasceu em 25 de abril de 1900, no Engenho Jussaral, em Timbaúba, Pernambuco. Era o sexto filho de Antônia Xavier de Andrade Pedrosa e Pedro da Cunha Pedrosa. Após o nascimento de Mário, o casal Pedro e Antônia teve mais quatro filhos. Em 1902, a família Pedrosa mudou-se para a Paraíba. Mário iniciou seus estudos em 1906 no Colégio Nossa Senhora das Neves, administrado por freiras. Posteriormente, estudaria no Colégio Diocesano Pio X e no Liceu Paraibano, que, assim como o primeiro colégio, encontravam-se na cidade da Paraíba – cujo nome mudaria em 04 de setembro de 1930 em homenagem ao político paraibano João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, assassinado em Recife pouco mais de um mês antes. Em 11 de julho de 1913, Mário e mais três jovens viajaram à Europa sob a guarda de José de Araújo Vieira para serem matriculados no colégio jesuíta Maison Mello, em Gante, Bélgica. Chegando a Portugal, o escritor José Vieira adoeceu e, com o imprevisto, Mário foi matriculado no Institut Quinche, em Lausanne, Suíça. A indisciplina do adolescente levou os pais a tomarem a resolução de matriculá-lo em um colégio interno: “Quando eu estava com 13 anos, devido à minha vagabundagem. Meu pai me mandou para a Suíça. Fiquei interno num colégio interno em Lausanne” (PEDROSA, 1977, p. 1), conforme as lembranças de Mário aos setenta e sete anos em entrevista concedida à jornalista Maria Lúcia Rangel do *Jornal do Brasil*. Após seus pais ficarem sabendo que fora interno em um colégio protestante, Mário deixou o Institut Quinche para matricular-se no Collège Scientifique. Durante a Primeira Guerra Mundial, o casal Pedro e Antônia achou prudente trazer seu filho de volta ao Brasil. “Com a guerra”, recorda Pedrosa (PEDROSA, 1977, p. 1) na entrevista citada, “voltei ao Brasil acompanhado por dois colegas numa viagem bastante arriscada”. Em 1916, ele e dois amigos atravessaram a Europa de trem e, chegando a Lisboa, embarcaram em um navio inglês. Com a guerra submarina no auge, o comandante, por segurança, realizou a travessia em ziguezagues para despistar os submarinos alemães. Mário e os outros passageiros viajaram no escuro,

cobertos por lona. Depois de vinte longos dias de travessia, finalmente desembarcou no Brasil.

Quando chegou ao país, sua família ainda morava na Paraíba. Mas, ainda em 1916, ela mudou-se para o Rio de Janeiro acompanhando o patriarca, reeleito senador – sendo este o último mandato exercido por Pedro da Cunha Pedrosa, após ter sido deputado estadual entre 1891 a 1892 e 1905 a 1908, vice-governador entre 1908 a 1911 e senador entre 1912 a 1915. Mário realizaria em Campos, Rio de Janeiro, os últimos exames preparatórios de história natural, inglês e latim para o curso superior. Se em 1917 reprovara em história natural, no ano seguinte não precisou realizar os exames preparatórios novamente porque eles foram cancelados por causa da epidemia de gripe espanhola, possibilitando sua admissão automática e de outros estudantes à Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Em 1919, além das aulas do curso de Ciências Jurídicas e Sociais, Mário frequentava os concertos do Teatro Municipal, dando vazão a seu interesse por música. “A música”, destaca ele na entrevista de 1977, “foi a primeira arte que me apaixonei. Cheguei a escrever sobre ela” (PEDROSA, 1977, p. 1). No Teatro Municipal, passou a se relacionar com o poeta Murilo Mendes, Mary Houston, sua futura esposa, entre outros. Contraindo uma pneumonia no final do ano, Mário regressaria à Paraíba para tratar-se, deixando seus exames para serem realizados após o tratamento. Na Faculdade de Direito, conheceu Lívio Barreto Xavier e, interessados pelas questões sociais, aproximaram-se do professor Edgardo de Castro Rebello – positivista entusiasta do marxismo. A turma de Mário e Lívio escolheu Castro Rebello como paraninfo da formatura dos bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, formados em 1923, na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

No ano seguinte, Mário Pedrosa foi nomeado promotor em Palmas, interior do Paraná, mas, mesmo com a promessa de passar futuramente para a capital do estado, recusou para investir-se no cargo de fiscal interino do Imposto de Consumo de São Paulo. Nesta cidade, foi contratado pelo *Diário da Noite*, dirigido por Oswaldo Chateaubriand. Além da presença do escritor Mário de Andrade e do artista plástico Di Cavalcanti na redação do jornal, dela faziam parte Lívio Xavier, que se formara recentemente com Pedrosa na Faculdade de Direito, e Geraldo Ferraz, que o ajudaria a criar os periódicos *O Homem Livre*, em 1933, e a *Vanguarda Socialista*, em 1945 – analisados na próxima seção deste artigo. A partir daí Pedrosa tornar-se-ia jornalista, profissão que o acompanharia até seu falecimento em 11 de novembro de 1981. Em seu

segundo ano em São Paulo, filou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em 1922. Recém-filiado ao comunismo, retornou à Paraíba em 1926, ao ser nomeado para agente fiscal da cidade de sua infância, e logo se tornou membro do Comitê Regional do Partido Comunista. Em 1927, a lei Aníbal de Toledo declarou o comunismo ilegal e Pedrosa voltou a São Paulo para assumir a direção do Socorro Vermelho, organizado com o intuito de auxiliar os presos políticos. Entrementes, tornava-se leitor assíduo da revista *Clarté*, publicada pelo Partido Comunista Francês (PCF) e dirigida pelo intelectual Pierre Naville – ligado aos surrealistas, que, aos poucos, passariam a colaborar com a nova criação de Naville. Como atestam as cartas endereçadas a Lívio Xavier entre 1926 a 1930 e anexadas por José Castilho Marques Neto em *Solidão revolucionária*, Pedrosa passara a ter contato com a *Clarté* no início de sua militância comunista. Em uma carta sem data, embora identificada como sendo de princípio de 1926, ele escrevia: “Tenho recebido *Clarté*” (MARQUES NETO, 1993, p. 256). Lendo a revista dirigida por Naville, mantinha-se atualizado sobre a situação política da União Soviética, a opor Leon Trotsky frente a Joseph Stalin. À par dos conflitos políticos envolvendo Stalin e Trotsky, embarcaria para Moscou em 07 de novembro de 1927, com o intuito de estudar na Escola Leninista Internacional. Em carta destinada ao reitor da instituição moscovita, Astrojildo Pereira informava que Pedrosa era o segundo candidato do PCB para estudar na União Soviética, justificando que era “um intelectual, mas militante dedicado ao Partido e o curso da Escola” lhe faria muito bem, “quer do ponto de vista político, quer do ponto de vista moral” (MARQUES NETO, 2001, p. 214).

O primeiro militante comunista brasileiro a candidatar-se para estudar na União Soviética foi Rodolpho Coutinho, que fora enviado para Moscou em 1924, onde entrara em contato com as teses de Trotsky. Ao chegar à Alemanha, Pedrosa adoeceu e, sem condições de enfrentar o inverno moscovita, permaneceu em Berlim, estagiando no Partido Comunista da Alemanha (KPD). Além de participar dos confrontos de rua contra os nazistas, começou a frequentar aulas de estética, filosofia e sociologia na Faculdade de Filosofia da Universidade de Berlim. Em 1928, vai à Paris para o casamento da soprano Elsie Houston, irmã de Mary, que ele conhecera no Teatro Municipal do Rio de Janeiro enquanto cursava Ciências Jurídicas e Sociais, e do poeta surrealista Benjamin Péret. Durante sua estadia na França, Pedrosa conheceu Naville pessoalmente. Ao retornar à Alemanha, teve acesso aos documentos da Oposição de Esquerda e soube da prisão em massa dos opositores liderados por Trotsky – desistindo de estudar na Escola Leninista

Internacional. Em outra carta sem data, embora identificada como sendo de março ou abril de 1928, Pedrosa escreveu para Lívio Xavier: “A situação é mais grave do que parece. E você acredita que eu teria liberdade (sem saber o russo) de me informar seriamente? Na Escola? Não, talvez fosse pior para mim. Hoje estou perfeitamente conformado em não ter ido” (MARQUES NETO, 1993, p. 290). Tomando partido à favor de Trotsky, colaborou na formação da Oposição de Esquerda na Alemanha e na França, conjuntamente com o grupo político liderado por Naville. Da Europa, insistiu para Lívio Xavier reunir os descontentes com o PCB, organizando a Oposição de Esquerda no Brasil. Porém, ela saiu do papel somente com a volta de Pedrosa ao país em 1929.

No Brasil, os caminhos de Pedrosa e Rodolpho Coutinho cruzaram-se quando o segundo aliou-se à Oposição Sindical de Joaquim Barbosa em 1928, para logo depois romper com o PCB, e aproximar-se do grupo político liderado pelo primeiro, formando o núcleo central da Oposição de Esquerda no Brasil. Esta, segundo Pierre Broué (2005), tinha especificidades em relação aos oposicionistas da Europa não só em razão de ser produto de um contexto histórico-social diferente, mas por em determinados momentos ter rivalizado com o Partido Comunista na direção de movimentos contestatórios de massa. Deve-se ressaltar que a Oposição de Esquerda no Brasil se formou poucos anos após a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), possibilitando uma disputa pela hegemonia política no meio operário e no interior dos movimentos contestatórios de massa em condições menos desiguais do que se deram na Europa, com os partidos comunistas consolidados nos meios sociais no quais pretendiam influenciar. O caso do Brasil é emblemático também por causa da Oposição de Esquerda ter sido formada por figuras expressivas do partido, tanto pela influência que algumas delas tinham no meio sindical quanto por serem fundadoras do PCB, além de grande preparo intelectual, ao se constatar que Rodolpho Coutinho e Pedrosa foram enviados pela própria direção partidária para estudarem na União Soviética. *Grosso modo*, as informações trazidas por Rodolpho Coutinho e os documentos trazidos por Pedrosa foram determinantes para o surgimento da primeira oposição ao PCB, denominada de Grupo Comunista Lenine (GCL). Fundada por Pedrosa, o GCL contava em seus quadros com alguns pioneiros do comunismo no Brasil e, destaca Broué (2005, p. 176), com “aquele gráfico mestiço que, em 1917, animou o comitê de greve de São Paulo e fundou o PCB, o próprio símbolo do proletariado brasileiro moderno que foi João Jorge da Costa Pimenta”. A formação da

Oposição de Esquerda no Brasil culminaria com Pedrosa e Lívio Xavier redigindo *Esboço*, com o intuito de compreender a Revolução de 1930 como consequência das contradições sedimentadas ao longo da formação e desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

## 2 A OBRA DE MÁRIO PEDROSA

Cronologicamente, a produção intelectual de Mário Pedrosa iniciou-se na década de vinte e encerrou-se na década de oitenta. Em 1924, um ano depois de bacharelar-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, Pedrosa tornou-se responsável pelas seções *Política Internacional* e *Crítica Literária* do *Diário da Noite*, jornal sediado em São Paulo e dirigido por Oswaldo Chateaubriand. Em 1981, quando veio a falecer, o autor redigia *Discurso pré-constituente* – tendo concluído três capítulos dos dez originalmente planejados, com um dos capítulos, *Autocrítica*, sendo publicado no suplemento dominical de cultura da *Folha de S. Paulo, Folhetim*, em 21 de novembro de 1982. A obra pedrosiana, então, foi produzida ao longo de sete décadas.

Se o aspecto cronológico dificulta por si só a sistematização da produção intelectual de Pedrosa, seus interesses diversificados dificultam ainda mais a apreensão do conjunto de sua obra. Barreto Leite Filho (1981, p. 3), ao traçar um perfil de seu amigo em *O mestre morto*, publicado na *Folha de S. Paulo* em 14 de novembro de 1981, três dias após o falecimento de Pedrosa, afirma que nunca conheceu “ninguém, no Brasil e no estrangeiro, de inquietude incomparável”, nem “ninguém com maior capacidade de assimilação”. Após destacar que Pedrosa assimilou a psicologia, especialmente a Gestalt, no intuito de compreender a criação artística, Barreto Leite (1981, p. 3) lembra que ao visitar a livraria da Universidade Hebraica de Jerusalém com seu amigo surpreendeu-se ao vê-lo deter-se à frente “de uma prateleira carregada de livros sobre as questões mais abstrusas da moderna filosofia científica” e perguntar-lhe “se já os tinha lido ou pelo menos comprado”. Diante da negativa de Barreto (1981, p. 3), Mário exclamou que se interessava “por tudo, desejaria ler tudo”.

O relato acima esclarece por que Pedrosa demorou a dedicar-se *profissionalmente* à crítica de arte, apesar de já em 1933 ter escrito seu primeiro grande ensaio de arte, *As*

*tendências sociais da arte de Käthe Kollwitz*. Em 1978, ao ser sabatinado por *O Pasquim*, o autor considera que se tornou crítico de arte quando voltou de seu primeiro exílio, em 1945, ao ficar “com a seção de arte do *Correio da Manhã*” (PEDROSA, 1978, p. 5). Precisando a afirmação, a coluna *Artes Plásticas* do *Correio da Manhã* foi criada por Pedrosa em novembro de 1946, embora ele tenha escrito sua primeira crítica de arte para o jornal em dezembro de 1944 – ao ser contratado diretamente pelo proprietário do *Correio da Manhã*, Paulo Bittencourt, que conhecera por intermédio da jornalista Niomar Muniz Sodré quando ainda se encontrava exilado nos Estados Unidos. Mesmo assumindo-se como crítico de arte depois dos quarenta anos, Pedrosa continuou a escrever regularmente sobre política, como pode ser visto na continuação desta seção.

A despeito de ser inegável que a obra pedrosiana se divida entre a política e a arte, estas duas dimensões não são fases, com o autor dedicando-se à política até 1945, para posteriormente dedicar-se à crítica de arte. Pedrosa voltou ao Brasil em 1945 com “certa preparação”, enfatiza na entrevista de *O Pasquim*, para dedicar-se à crítica de arte em função de ter trabalhado “num museu de arte moderna nos Estados Unidos durante o exílio” (PEDROSA, 1978, p. 5). Se na década de vinte ele era o responsável pelas seções *Política Internacional* e *Crítica Literária* do *Diário da Noite*, a partir da década de quarenta ele passou a ser contratado pelos jornais enquanto especialista em artes visuais. Houve, portanto, a *especialização* do jornalista Mário Pedrosa.

Concomitantemente à profissionalização do crítico de arte, Pedrosa tornou-se um *intelectual público*, que, na acepção de Edward Said (2005, p. 13 e p. 121), é aquele intelectual que procura dirigir-se “a um público tão amplo quanto possível”, não encarando a sociedade de massas como um problema, visto que “tem de circular, tem de encontrar espaço para enfrentar e retrucar a autoridade e o poder”, baseando-se “em princípios de justiça e equidade”. Ao voltar do exílio em 1945, Pedrosa passou a ser contratado pelos jornais para assumir suas respectivas colunas de artes visuais, mas, regularmente, escrevia nas seções opinativas desses jornais, onde fazia suas ideias políticas circularem para um público amplo. Apropriando-se da auto-representação de Said (2005), Pedrosa era movido por ideias e causas que realmente podia apoiar por escolha, porque eram coerentes com os valores e princípios em que acreditava. Todavia, não se considerava limitado por seu trabalho profissional de crítico de arte, que o excluiria de assuntos de política só porque era uma autoridade em arte moderna. Ele falava e escrevia sobre assuntos mais amplos porque, como “animal político”, cuja



natureza, segundo Pedrosa (1981, p. 8) na entrevista de 1978 de *O Pasquim*, com trechos inéditos publicados em 1981, “tem interesse pelas coisas todas”, era instigado por compromissos que iam muito além de sua estrita carreira profissional. A posição dele em relação a Juscelino Kubitschek ilustra exemplarmente a coerência dos valores e princípios em que acreditava. O fato de Pedrosa ser um opositor político de Kubitschek, oposição expressa em seus artigos publicados em *O Estado de S. Paulo* entre 1955 e 1956, não o impediu de usar seu prestígio ante a intelectualidade para organizar o Congresso Internacional Extraordinário da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), realizado entre 17 e 25 de setembro de 1959, em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro, para debater a construção de Brasília.

Pedrosa era, essencialmente, um publicista. O aspecto publicista acrescenta outra dificuldade para sistematizar sua produção intelectual. De um lado, a obra pedrosiana foi produzida ao longo de sete décadas. O aspecto cronológico dimensiona a magnitude da produção intelectual do autor. De outro lado, a obra pedrosiana circulou através de periódicos. O aspecto publicista indica que a produção intelectual do autor está dispersa. Na apresentação de uma longa entrevista de Pedrosa publicada no *Diário Carioca* em 09 de novembro de 1947, Paulo Mendes Campos afirma que o entrevistado “não nos deu ainda um livro sequer”, mesmo sendo “um dos nossos intelectuais de mais ampla e profunda experiência política” (PEDROSA, 1947, p. 1). Ao tentar entender o motivo do entrevistado ainda não ter publicado um livro aos 47 anos, Campos formula a hipótese de que a militância de Pedrosa a favor de suas ideias enriqueceu seu espírito, mas acabou prejudicando “os aspectos exteriores daquilo que ele realmente representa como pensamento e compreensão” (PEDROSA, 1947, p. 1). Campos informa que o entrevistado escreveu quatro livros, três de ensaio político e um de poesia, mas foram apreendidos pela polícia. Campos conclui que embora o espaço de ação de Pedrosa seja pequeno, “grande é a sua importância como pensador no campo social e político” (PEDROSA, 1947, p. 1). Somente em 1949 Pedrosa viria a publicar seu primeiro livro, *Arte, necessidade vital*. Portanto, dado as particularidades apontadas, julga-se que a melhor forma de sistematizar a obra pedrosiana é levando em conta o meio em que ela circulou, através das colunas de Pedrosa nos grandes jornais, dos jornais criados por ele e de seus livros.

## 2.1 O columnista

Por causa da cronologia elaborada por Franklin Pedroso e Pedro Vasquez em 1992, para o catálogo da exposição *Mário Pedrosa: arte, revolução, reflexão*, sabe-se que Pedrosa começou a trabalhar para o *Diário da Noite* em 1924. Inicialmente, escrevia sobre literatura, mas, logo em seguida, também passou a escrever sobre política internacional, inaugurando as seções *Crítica Literária* e *Política Internacional* do *Diário da Noite*. Em 1977, ao ser entrevistado por Maria Lúcia Rangel para o *Jornal do Brasil*, Pedrosa (1977, p. 1) lembra que, assim que se formou em Ciências Jurídicas e Sociais, passou a “trabalhar em jornal, onde fazia um pouco de tudo” por causa da pouca especialização das redações. Ele deixou o *Diário da Noite* em 1926 para assumir o cargo de agente fiscal na Paraíba. Exonerando-se em 1927, retomou a atividade de jornalista, agora no *Diário de São Paulo*, quando, segundo Pedroso e Vasquez (1992, p. 52), escreveu “reportagens políticas por toda a Sorocabana”. Nem bem ingressara no *Diário de São Paulo*, Pedrosa foi enviado à Europa pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) com o objetivo de estudar na Escola Leninista de Moscou. Se não foi possível localizar esses artigos do *Diário da Noite* e essas reportagens do *Diário de São Paulo*, foi possível localizar o artigo *Villa-Lobos et son peuple*, escrito pelo autor enquanto se encontrava na França e publicado em novembro de 1929 na revista parisiense *La Revue Musicale*. Na entrevista de *O Pasquim* de 1978, ele diz que além do artigo sobre Heitor Villa-Lobos, “que fez enorme sucesso”, ajudou Villa-Lobos “a redigir um estudo sobre o choro em francês” (PEDROSA, 1978, p. 4). Retornando ao Brasil em 1929, Pedrosa passou a trabalhar para *O Jornal*, do Rio de Janeiro. Dois anos depois, voltou a colaborar com o *Diário da Noite*, onde, em 07 de dezembro de 1934, publicaria *Impressões de Portinari*, posteriormente republicado em seu primeiro livro – *Arte, necessidade vital*, de 1949. Após o Levante Comunista de 1935, passou a viver na clandestinidade, condição mantida até 1937, quando retomou a vida legal por pouco tempo, pois, em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas daria um golpe de Estado, obrigando Pedrosa a exilar-se.

Fixou residência nos Estados Unidos a partir de 1938. Somente em 1940 retomou a atividade de jornalista, tornando-se redator do Boletim da União Panamericana, sediado em Washington e editado mensalmente. No mensário, assinou três artigos: *Portinari – de Brodóski aos murais de Washington*, em março de 1942; *Carmargo Guarnieri*, em fevereiro de 1943; e *A coleção Widener na Galeria Nacional de Artes nos Estados*

*Unidos*, em março de 1943. O primeiro e o terceiro foram republicados em *Arte, necessidade vital*. No exílio, Pedrosa escreveu três artigos políticos: *The defense of the URSS in the present war*, publicado em fevereiro de 1940 no *Internal Bulletin of SWP*, órgão do Socialist Workers Party (SWP); *Mass and class in soviet society* e *What next in Latin America?*, publicados no *The New Internationalist*, em maio e outubro de 1940, respectivamente. Em 1943, Pedrosa deixou o *Boletim da União Panamericana*, passando a trabalhar na seção de cinema do escritório do Coordenador de Negócios Interamericanos em Nova Iorque. Em dezembro de 1944, publicou duas colunas sobre o escultor Alexander Calder no *Correio da Manhã*, republicadas em seu primeiro livro de 1949.

O exílio de Pedrosa encerrou-se em 1945, com ele passando a residir no Rio de Janeiro, cidade-sede do *Correio da Manhã*, cuja colaboração se prolongaria até 1951. Para este artigo só foi possível localizar três colunas do autor publicadas ao longo de 1945 nas páginas do jornal, todas sobre política. A partir de 1946, Pedrosa passou a publicar incessantemente no *Correio da Manhã*, em função da coluna *Artes Plásticas*, criada em novembro de 1946, ser diária. Em 1946, contudo, publicou uma coluna sobre política e uma carta aberta para a Comissão Nacional da Esquerda Democrática, em 15 de maio de 1946. Durante o primeiro semestre de 1947, o autor só escreveu para sua coluna de crítica de artes. No segundo semestre, participou de um congresso sobre socialismo em Bruxelas, na Bélgica, escrevendo uma série de colunas sobre a situação política europeia, cuja publicação iniciou-se em 23 de dezembro de 1947, com *Em torno da crise francesa: o fim das greves e a posição comunista*, e encerrou-se em 04 de abril de 1948, com *Um americano em Paris*, sobre o teórico político James Burnham – totalizando dezesseis colunas. Pedrosa só voltaria a publicar uma coluna política em 14 de maio de 1950, sobre o socialista francês Léon Blum. Em 1951, deixou de colaborar com o *Correio da Manhã*, não publicando uma coluna político sequer em seu último ano no jornal. Entre 1952 e 1955, publicou esporadicamente no *Correio da Manhã*, em torno de seis artigos, um deles sobre a situação política na África e na Ásia, em 16 de abril de 1955.

Otto Lara Resende (1994, p. 211), em um perfil redigido para *O Globo* na ocasião da morte de Pedrosa em 1981, informa que “Mário cobriu a Assembleia Nacional Constituinte de 1946, como repórter de *O Estado de S. Paulo*”. Entretanto, pesquisando o Acervo Estadão, as reportagens não foram encontradas, certamente porque elas não eram

assinadas. Somente as colunas publicadas por Pedrosa entre 1950 e 1956 em *O Estado de S. Paulo* puderam ser copiladas para este artigo. Se no primeiro ano ele apenas escreveu sobre artes, a partir do segundo ano a maior parte de suas colunas versava sobre política. Dos sessenta e cinco colunas de Pedrosa publicadas entre 1951 e 1956 em *O Estado de S. Paulo*, cinquenta e sete eram de política. No mesmo período em que colaborou com o jornal paulista, escreveu para a *Tribuna da Imprensa*. Segundo Pedrosa e Vasquez (1992, p. 61), Pedrosa permaneceu pouco tempo na *Tribuna da Imprensa* “em virtude de desentendimentos com o proprietário do jornal, Carlos Lacerda”. Todavia, pesquisando para este artigo na Fundação Biblioteca Nacional (FBN), foram encontrados colunas do autor para a *Tribuna da Imprensa* de 1951 a 1956, com certa regularidade de 1951 a 1953 e 1956. No quinquênio, foram publicadas cento e trinta e quatro colunas de Pedrosa no jornal, sendo que setenta e oito tratavam de política. *Grosso modo*, tanto os artigos de *O Estado de S. Paulo* quanto os da *Tribuna da Imprensa* eram críticos a Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek.

Em 1957, o *Jornal do Brasil* contratou Pedrosa para escrever diariamente sobre artes, exceto domingo. A coluna *Artes Visuais* foi inaugurada por ele em 17 de janeiro do ano citado. Mesmo sendo responsável por uma coluna diária, publicou o ensaio *Ideologia e ciências sociais*, no *Suplemento Dominical*, por três domingos seguidos, 05, 12 e 19 de maio de 1957. O ano seguinte foi quase um espelho de 1957, o autor continuou a escrever suas colunas diariamente e, no *Suplemento Dominical*, também por três domingos seguidos, 20 e 27 de julho e 03 de agosto de 1958, publicou *Ideologia e poder*. Além deste ensaio, escreveu a coluna *Correspondência apreendida*, em 21 de maio de 1958, vinculado na seção opinativa do jornal, denunciando a apreensão de uma correspondência sua remetida da França com um livro sobre Karl Marx e Mahatma Gandhi. Se em 1957 e 1958 Pedrosa escreveu mais de cem colunas por ano para o *Jornal do Brasil*, em 1959 e 1960 o total de publicações diminuiu porque ele passou a dividir a coluna *Artes Visuais* com Ferreira Gullar. Entrementes, aumentou consideravelmente o número de colunas sobre política de Pedrosa na seção opinativa do jornal. A colaboração do autor com o *Jornal do Brasil* encerrou-se em 1961, ao ser nomeado por Jânio Quadros Secretário-Geral do Conselho Nacional de Cultura. A última coluna assinada por Pedrosa foi em 17 de março de 1961. Durante os poucos meses de 1961 em que permaneceu no *Jornal do Brasil*, restringiu-se a escrever sobre artes.

Pedrosa voltou a escrever regularmente para a imprensa somente em 1966, passando a colaborar novamente com o *Correio da Manhã*. Ao contrário de sua primeira passagem no jornal, não se responsabilizou pela coluna de crítica de artes, muito menos em escrever diariamente. Seus artigos passaram a ser semanais e eram vinculados no *Quarto Caderno*, encadernado apenas aos domingos no *Correio da Manhã*. Em um domingo Pedrosa escrevia sobre artes e em outro, política. Seu novo ciclo no jornal iniciou-se em 19 de junho de 1966, com *Despotismo esclarecido – anacronismo despótico*, e encerrou-se em 29 de setembro de 1968, com *A nova face do ocidente*. Ambos versavam sobre política, o primeiro sobre a ditadura militar, enquanto o segundo sobre o Maio de 1968. Em 1966, quando parte da oposição tentou minar a ditadura militar encaminhando-se para o interior do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) objetivando a disputa das eleições gerais, Pedrosa usou suas colunas para defender a necessidade dos opositores se organizarem em torno do MDB, como ele faria ao se candidatar a deputado federal pela legenda. O Ato Institucional Número 5 (AI-5) levou o autor a deixar de colaborar com o *Correio da Manhã* e, em 1970, a exilar-se novamente. Entrevistado por Cláudio Kahns para a *Folha de São Paulo* em 1977, quando voltou do segundo exílio, Pedrosa (1977, p. 35) julga que “todo exílio é ruim”, mas “o primeiro foi pior porque a situação do mundo era terrível: o fascismo em ascensão, uma guerra se aproximando e nós pobres opositores, isolados”. E conclui que “o primeiro exílio foi pior nesse sentido, você não tinha como se situar. Agora não. Agora é uma crise geral mas não existe fascismo” (PEDROSA, 1977, p. 35).

Voltando ao Brasil em 07 de outubro de 1977, Pedrosa retomou sua verve publicista, não mais com a mesma intensidade que tivera até 1968. Mas, assim como entre 1945 e 1968, escreveu sobre política, apoiando ideias e causas em que acreditava. No final da década de setenta tratava-se de tornar a Abertura Política irreversível e, com tal intuito, procurou aproximar-se dos atores sociais que tinham condições de encaminhar a transição democrática com justiça e equidade. Deste modo, os poucos artigos do autor publicados na imprensa entre o final da década de setenta e o início da de oitenta tentaram compreender o papel progressista da Igreja Católica na sociedade brasileira e a novidade representada pelo novo sindicalismo na história brasileira. Na *Folha de São Paulo*, Pedrosa publicou dois artigos sobre a Igreja: *A grande eleição*, em 27 de agosto de 1978; e *Os bispos e a marcha do PT*, em 23 de fevereiro de 1980. No *Jornal da República*, criado por Cláudio Abramo, Mino Carta e Raymundo Faoro em 1979,

Pedrosa passou a defender a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) em *O futuro do povo*, de 01º setembro, *Sindicato ou partido?*, de 02 de outubro, *A missão do PT*, de 05 de novembro, *Contra o veto do João*, de 26 de novembro de 1979, e *O PT e o Estado*, de 12 de janeiro de 1980 – todos republicados em *Sobre o PT*, de 1980, seu quarto e último livro de política. Defesa iniciada em 1º de agosto de 1978, quando o autor fez divulgar pela imprensa uma carta aberta a pedrando Luís Inácio Lula da Silva a criar um partido socialista, aproveitando-se da oportunidade que seria criada pela “Emenda à Constituição que Fernando Henrique Cardoso, candidato ao Senado Federal pelo MDB”, acabara “de enviar à Presidência do MDB para que seu partido leve ao plenário do Congresso Nacional” (PEDROSA, 1980, p. 13). Com os militantes partidários reconhecendo a importância que o *intelectual público* Mário Pedrosa teve para a criação do partido liderado pelo operário Lula, Mário teve a honra de ser o primeiro a assinar o Manifesto de Lançamento do Partido dos Trabalhadores, no Colégio Sion, de São Paulo, em 10 de fevereiro de 1980. André Singer (2001, p. 10) destaca que “o velho socialista [...] teve a sorte de viver o suficiente para participar, na qualidade de homenageado, da realização do antigo sonho: ver surgir no Brasil, um amplo partido de esquerda dirigido por operários”.

## 2.2 O criador de periódicos

Para tornar claro o sonho acalentado por Mário Pedrosa por décadas, deve-se voltar para a outra face do publicista – o criador de periódicos. Em *Sinais da nova geração: o papel dos intelectuais*, de 1941, Álvaro Lins (1962, p. 93), ao comentar sobre o caráter efêmero “de revistas, de pequenos jornais, de publicações diversas, que aparecem e desaparecem numa espécie de ritmo irregular na passagem de gerador para triturador”, observa que a efemeridade do meio dissemina uma série de ideias que dá vida ao ambiente político e cultural, arejando tanto a produção literária quanto o pensamento político. Não obstante, Lins (1962, p. 93) verifica que “a literatura de permanência e duração precisa dessa vida literária efêmera no seu jogo incerto de cada dia”, uma vez que “as novas gerações lançam os seus primeiros sinais e marcam a sua presença nas letras puras ou na política ideológica” “por intermédio de revistas e jornais dessa espécie”. Assim que se filiou ao Partido Comunista do Brasil (PCB), Pedrosa fundou,

conforme Astrojildo Pereira, “uma pequena revista marxista – *Revista Proletária*” (MARQUES NETO, 2001, p. 214), editada em janeiro de 1926, imediatamente foi suspensa pela polícia.

O primeiro periódico criado por Pedrosa a marcar a história da esquerda brasileira foi, entretanto, fundado em seguida a sua expulsão e de outros membros do PCB em 1929. Como exposto no início deste artigo, ele voltou da Europa em 1929, trazendo o programa da Oposição de Esquerda liderada por Leon Trotsky. De acordo com Osvaldo Coggiola (2003, p. 242), Pedrosa “foi expulso do PCB devido às suas 'ligações europeias'. Começou a trabalhar então para estabelecer vínculos entre a oposição brasileira e o movimento internacional”. Ele reuniu os ex-membros do Partido Comunista no Grupo Comunista Lenine (GCL) e passou a editar, a partir de maio de 1930, *A Luta de Classe*, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, embora o frontispício do jornal passasse a indicar Niterói, Belo Horizonte ou Juiz de Fora como locais de saída a partir de 1935, como forma de driblar a repressão política. Em 21 janeiro de 1931, data da morte de Vladimir Ilitch Lenin, o GCL alterou seu nome para Liga Comunista do Brasil e formalizou-se como Seção Brasileira da Oposição de Esquerda da Internacional. O grupo político liderado por Pedrosa modificou de nome sucessivamente: entre 1930 e 1931, Grupo Comunista Lenine; entre 1931 e 1933, Liga Comunista do Brasil; entre 1933 e 1936, Liga Comunista Internacionalista; entre 1936 e 1939, Partido Operário Leninista. Apesar das diversas denominações, o órgão oficial da Oposição de Esquerda no Brasil sempre foi *A Luta de Classe*, que deixou de circular em definitivo em agosto de 1939, em seu quadragésimo quinto número, com Pedrosa já no exílio e prestes a romper em definitivo com Trotsky – posição expressa nos três artigos em inglês de 1940 citados no tópico anterior.

Em maio de 1933, três anos após o lançamento de *A Luta de Classe*, Pedrosa criou *O Homem Livre*. Este periódico não estava voltado para o Partido Comunista, como era o caso de *A Luta de Classe*, mas para as diversas tendências da esquerda brasileira por visar reuni-las em um combate em comum contra o fascismo, em geral, e o integralismo, em particular. Na realização desse objetivo, porém, denunciava a orientação da Internacional Comunista a suas seções de que não deveriam formar uma *frente única* com outros setores da esquerda no combate ao fascismo. *O Homem Livre* era, fundamentalmente, antifascista. Como tentava atingir um público maior, o jornal não tinha a mesma preocupação teórica de *A Luta de Classe*. Se não havia espaço para

análises mais detidas da realidade social, como no órgão oficial da Oposição de Esquerda no Brasil, *O Homem Livre*, ressalta Ricardo Figueiredo de Castro (2005, p. 69), apresentava qualidades técnicas e editoriais, “sua diagramação era profissional”, “era ilustrado com gravuras do artista plástico Lívio Abramo, utilizava-se dos serviços de agências de notícias internacionais” e tinha colunas de artes plásticas, de cinema, de economia, de música, entre outras.

Responsável pela coluna de artes plásticas do jornal, Geraldo Ferraz (1978, p. 1) lembra que com o surgimento da Ação Integralista Brasileira (AIB) no final de 1932 no cenário político brasileiro, redatores e repórteres do *Diário da Noite* temerosos do avanço do fascismo no Brasil se reuniram e fizeram uma coleta entre eles para lançar *O Homem Livre*, com Pedrosa indicando Ferraz para redator-chefe por ser “o menos pintado da turma”. Em seu livro de memórias *Depois de tudo*, de 1983, Ferraz (1983, p. 105) complementa as informações da entrevista concedida a *Folha de S. Paulo* em 1978: “Nas reuniões iniciais de *O Homem Livre* de organização do grupo editor, resolveu-se que o melhor nome para figurar como diretor seria o meu, e que o Mário Pedrosa figuraria como secretário”. Ferraz (1983, p. 105) ressalta que “o que levou à escolha do meu nome, e foi dito claramente, era o fato de ser eu o ‘menos pintado’, para a polícia”. Além de nas primeiras reuniões ter se decidido pelos nomes do redator-chefe e do secretário-geral de *O Homem Livre*, decidiu-se que o diretor-gerente seria o advogado José Isaac Perez. “E com essa trinca inocente”, continua Ferraz (1983, p. 106), “registramos o jornal na Delegacia de Ordem Política, com o que *O Homem Livre* teve livre trânsito nas bancas de jornal, uma vez por semana”. A preocupação de Pedrosa em legalizar *O Homem Livre*, com os subterfúgios apontados por Ferraz para fugir da repressão política, acabou por tornar o jornal, na apreciação de Castro (2005, pp. 66-67), “o principal instrumento de contrapropaganda antifascista da esquerda paulista e o porta-voz da Frente Única Antifascista”.

A criação da Frente Única Antifascista (FUA), entretanto, tinha sido proposta pela Oposição de Esquerda no Brasil em janeiro de 1933. No mês seguinte, o grupo político liderado por Pedrosa participou de reuniões com o Comitê de São Paulo do Partido Comunista para debater como se daria o combate ao fascismo no Brasil. Enquanto não se decidia pela formação da FUA, a AIB, liderada por Plínio Salgado, dava demonstrações de força ao promover seu primeiro desfile público em São Paulo em abril de 1933. Côncios da necessidade de travar a luta ideológica com a extrema-direita



através da contrapropaganda, Pedrosa e outros jornalistas do *Diário da Noite* lançaram o primeiro número de *O Homem Livre* em 27 de maio de 1933. Após a publicação do quinto número do jornal deu-se a fundação oficial da Frente Única Antifascista (FUA), em 25 de junho de 1933, na Legião Cívica 05 de Julho. “*O Homem Livre* foi”, conclui Castro (2005, p. 74), “o principal instrumento de ação política da FUA, pois ele se constituiu no seu principal veículo de divulgação bem como seu mais importante veiculador de propaganda antifascista”.

Em *Depois de tudo*, Ferraz (1983, p. 107) considera que, apesar de *O Homem Livre* ter encerrado sua atividade em 24 de fevereiro de 1934, quando o jornal chegou ao número vinte e dois, “desempenhou bem o seu papel, esclarecendo os que tiveram em mãos os seus exemplares, tudo que cabia dizer, acerca do integralismo, do fascismo e do nazismo, então em seu arranco inicial”. De acordo com Castro (2005, p. 63), “embora tenha tido uma breve existência”, *O Homem Livre* “contribuiu para articular o movimento antifascista na capital paulista” ao retirar o tema de seu confinamento no interior “da comunidade italiana radicada na capital paulista, desde o início dos anos 1920”. O jornal antifascista criado por Pedrosa e outros jornalistas do *Diário da Noite*, continua Castro (2005, p. 74), tornou-se uma “das várias estruturas de sociabilidade da intelectualidade antifascista paulista e carioca do triênio 1933-1935 na qual interagiram intelectuais antifascistas e progressistas” e militantes das diversas tendências da esquerda brasileira, tais como Oposição de Esquerda no Brasil, Partido Comunista do Brasil (PCB) e Partido Socialista Brasileiro (PSB).

Em 1945, ao criar a *Vanguarda Socialista*, Pedrosa era um *outsider*, não estava mais à frente de nenhuma organização política. Durante seu exílio nos Estados Unidos, rompera com Trotsky, líder da Oposição de Esquerda Internacional, afastando-se da Oposição de Esquerda no Brasil. Após o Pacto Molotov-Ribbentrop, firmado entre Adolf Hitler e Joseph Stalin em agosto de 1939, iniciou-se um debate acerca da natureza do Estado da União Soviética, levando à cisão do Socialist Workers Party (SWP). Pelo fato de parte significativa do Comitê Executivo Internacional da IV Internacional estar ligada ao SWP, a polêmica reverberaria no interior da IV Internacional. Ao partir do pressuposto que a União Soviética era um *Estado operário degenerado*, a maioria do SWP, encabeçada por James Patrick Cannon, sustentava que era preciso defender incondicionalmente a União Soviética, “em caso de ameaça por parte do imperialismo”, em função do que a “diferenciava dos países capitalistas”, conforme Dainis Karepovs,

“as bases sociais do regime e, particularmente, a propriedade estatal” (MARQUES NETO, 2001, p. 111). Para a minoria do SWP, liderada por Martin Abern, James Burnham e Max Shachtman, “o pacto era um revelador da ‘natureza da União Soviética’”, continua Karepovs, “que impunha a revisão de uma série de postulados da IV Internacional sobre aquele país” (MARQUES NETO, 2001, p. 111). Como representante da América Latina no Comitê Executivo Internacional, Pedrosa tomou parte dos debates escrevendo *The defense of the URSS in the present war*, à favor da revisão dos postulados da IV Internacional sobre a União Soviética. “Com essa cisão”, lembra Pedrosa (1978, p. 7) na entrevista concedida a *O Pasquim* em 1978, “fiquei do lado que perdeu”, “abandonei a ortodoxia trotskista e quando voltei pro Brasil estava querendo experimentar uma série de ideias novas”, sendo a principal delas “a criação de um partido socialista independente que não seguisse” a União Democrática Nacional (UDN), fundada em 07 de abril de 1945, e “tentasse uma política diferente” do Partido Comunista, rechaçando o stalinismo. Seria através da *Vanguarda Socialista* que Pedrosa experimentaria suas ideias novas.

O primeiro número da *Vanguarda Socialista* circulou antes mesmo do fim do Estado Novo em 29 de outubro de 1945. Como evoca Ferraz (1983, p. 128) em suas memórias publicadas em 1983: “O primeiro número saiu numa sexta-feira, 31 de agosto, quando já o ditador havia engendrado o seu plano continuísta, lançando o PSD, e como candidato à presidência, o general Dutra”. A “estrutura de poder do Estado Novo”, para usar os termos de Maria do Carmo Campello de Souza (1976, p. 41), moldaria o sistema partidário não só com a criação do Partido Social Democrático (PSD) em 17 de julho de 1945, para abrigar a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra à presidência da República, quanto com a fundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 15 de maio de 1945, para atrair o proletariado. Em um quadro partidário marcado pelo poder exercido por Getúlio Vargas desde 1930, Pedrosa criou a *Vanguarda Socialista* para disseminar as bases ideológicas de um partido socialista que rechaçasse a liderança política de Vargas. Ferraz (1983, p. 128), no número de estreia do jornal, mancheteou a frase “a liberdade não soçobrará para que o socialismo triunfe”, retirada “de um dos artigos da primeira página, redigido por Mário Pedrosa”, no frontispício do jornal. No décimo número da *Vanguarda Socialista*, publicado em 02 de novembro de 1945, “os redatores da *Vanguarda Socialista*”, continua Ferraz (1983, p. 128, grifos do original), recorreram “à sentença de Luís Capeto para condenar Vargas: ‘Condenamos Getúlio

Vargas pelo crime de ser ditador!”. As duas frases destacadas por Ferraz expostas na capa do jornal sintetizavam os anseios de Pedrosa por um socialismo que não encarasse a democracia como um valor estritamente burguês.

A defesa da democracia por parte da *Vanguarda Socialista* levava em conta a experiência autocrática vivenciada pela esquerda durante o Estado Novo. Contudo, além da ditadura varguista, essa defesa também levava em consideração a *questão russa*, que, para Isabel Maria Loureiro (1984, p. 29), era “o ponto central da reflexão do grupo liderado por Mário Pedrosa, pois somente a partir da definição em face a ela o grupo” poderia formular “uma concepção positiva do socialismo”. Ao ambicionar entrelaçar o socialismo às liberdades democráticas, Pedrosa tomou uma posição radicalmente crítica face ao bolchevismo, em suas variantes stalinista e trotskista. “O alvo da crítica ao bolchevismo”, nota Loureiro (1984, p. 29), era “a concepção de partido-vanguarda” a introduzir “nas massas proletárias a consciência vinda de fora delas”, em cujo bojo encontrava-se “uma nova forma de organização burocrática” que levaria à “hipertrofia do Estado, uma vez que essa concepção de partido (germe do totalitarismo)” presumia que não eram as massas com autonomia que geriam “a sociedade, mas o partido em nome das mesmas”. Para contrapor-se à concepção de *partido-vanguarda*, Pedrosa incorporou a de *partido-classe* de Rosa Luxemburgo, cuja organização não deveria ser centralizada e hierárquica para possibilitar ao partido expressar as experiências históricas das classes subalternas. Se *O Homem Livre* surgira logo após a fundação da Ação Integralista Brasileira (AIB) para travar a luta ideológica com a extrema-direita, a *Vanguarda Socialista* foi criada para travar a luta ideológica no interior do marxismo, tentando desvencilhar-lhe do bolchevismo, cuja concepção de partido conduziu a União Soviética ao governo totalitário de Stalin. Em entrevista concedida ao Centro de Documentação do Movimento Operário Mário Pedrosa (CEMAP) em 1985, Edmundo Moniz (1985, 129-130, grifos do original), um dos artífices da *Vanguarda Socialista* conjuntamente com Pedrosa, sintetiza o esforço do jornal:

Depois do obscurantismo do Estado Novo, quando a censura era rigorosíssima, de fato ainda antes que Getúlio Vargas fosse deposto, pouco antes na verdade, a *Vanguarda* procurou abrir um amplo debate doutrinário, tendo o marxismo como base, no campo econômico, social, político, científico, filosófico, literário e artístico. O principal objetivo era abrir um largo debate sobre o socialismo. Procurava não ter nada de reformista ou revisionista [...]. Ao contrário, a *Vanguarda* queria

discutir o marxismo sem a falsa ortodoxia que vinha sendo imposta pelo Partido Comunista, pelo stalinismo. Queríamos até mostrar que o marxismo era uma doutrina que podia ser desenvolvida, que era passível de novas aquisições. Às vezes eu penso que a *Vanguarda* tinha qualquer coisa da Escola de Frankfurt, mas longe do alheamento político que caracterizou a maioria de lá. Nós queríamos ter e tínhamos uma interferência na vida política brasileira. Nós éramos combativos, como eram os companheiros de São Paulo, como o Fúlvio, o Sacchetta, Aristides Lobo e tantos mais. Enfim, queríamos nos desprender das velhas fórmulas, trocando a letra morta pela realidade viva. Citando Goethe, Lênin dizia que “a teoria é seca, mas a árvore da vida é sempre verde”. Tínhamos necessidade de rediscutir tudo o que tínhamos discutido antes, e especialmente durante a clandestinidade a que nos obrigou o Estado Novo.

No primeiro número da *Vanguarda Socialista*, de 31 de agosto de 1945, Pedrosa expôs no editorial *Diretivas* suas motivações ao criar o semanário. Como o título indica, *Diretivas* apresenta o conjunto de princípios que orientariam o jornal: “*Vanguarda Socialista* [...] visa fazer a propaganda da ideia socialista e preparar, sem imediatismo ou tempo marcado, quadros para o futuro” (PEDROSA, 1945, p. 1). Ao destacar logo no início do editorial que o trabalho em favor do socialismo seria a longo prazo, o autor ressaltava que a *Vanguarda Socialista* não era “um jornal de agitação para a massa”, mas “um jornal de vanguarda”, não se destinando a “lançar uma ideia, ou um objetivo exclusivo para uma multidão”, e repisá-la exaustivamente para a massa agir “em consequência dessa agitação” (PEDROSA, 1945, p. 1). O semanário foi criado para “lançar muitas ideias”, contribuindo para seus leitores organizarem-se orientados por “um corpo de ideias” a fim de realizarem “uma ação sistematizada e esclarecida” sobre as massas (PEDROSA, 1945, p. 1). Por ter como preocupação a formação teórica de seus leitores, a *Vanguarda Socialista* tentaria “desenvolver um trabalho de crítica e de construção” acerca do “movimento revolucionário ou reformista, comunista ou socialista, tal como evoluiu até hoje”, em razão da “necessidade de se reorganizar o movimento socialista proletário, nacional e internacionalmente, sobre novas bases, e começando tudo de novo” (PEDROSA, 1945, p. 1). Pedrosa (1945, p. 1) e seus colaboradores, portanto, não olhariam para nenhuma das revoluções ocorridas anteriormente “com olhos apoloéticos”, porque não aceitavam “nenhuma ideologia, muito menos as oficiais, como explicação desses grandes acontecimentos”, mesmo eles admitindo que “a revolução russa foi o maior acontecimento do século”.

Apesar da *Vanguarda Socialista* não ser “órgão de nenhum partido” e não estar “sujeita a nenhuma disciplina partidária”, era “um trabalho coletivo de vários companheiros irmanados por um mesmo ideal e mais ou menos estruturados pela mesma base cultural marxista” (PEDROSA, 1945, p. 1). Assim como seu idealizador, os colaboradores do jornal eram *outsiders*: “Os editores deste semanário também não pertencem a uma mesma organização política, acontecendo aliás que muitos deles não fazem parte de partido algum” (PEDROSA, 1945, p. 1). O editorial *Diretivas*, porém, não considerava que o esforço da *Vanguarda Socialista* era ambicioso e isolado, porque acreditava que o “processo do próprio pensamento marxista”, “na volta às suas origens”, no querer “renovar-se ao calor das formidáveis transformações de nossa época” (PEDROSA, 1945, p. 4), ocorria não só no Brasil mas possivelmente em outras partes do mundo. Pedrosa e seus colaboradores estavam certos de que a revisão do marxismo deveria partir do princípio de que a liberdade era condição *sine qua non* para o triunfo do socialismo, pois, sem ela, o socialismo não seria possível. No adendo ao editorial, o autor alertava que a *Vanguarda Socialista* dirigia-se, especialmente,

[...] aos jovens proletários e intelectuais que procuram o seu caminho através da confusão generalizada do presente. Aqui só não se aceitam carreiristas, os que têm como critério, para a “justeza” de linhas ou de doutrinas, a perspectiva de um triunfo próximo e cômodo. [...] Temos a consciência de que encetamos aqui uma luta contra a corrente, mas indispensável para que os valores fundamentais da cultura ocidental, fecundados pelo marxismo, e as conquistas decisivas do proletariado não desapareçam tragados pela onda totalitária que avança por toda parte. (PEDROSA, 1945, p. 4)

Ainda que lutando contra a corrente, a *Vanguarda Socialista* tornou-se um dos jornais políticos mais influentes na história da esquerda do Brasil. Em 1946, um ano após a fundação do jornal, foi criado o Partido Socialista Brasileiro (PSB), organizado, em parte, pelos intelectuais agrupados em torno de Pedrosa na *Vanguarda Socialista*. Em *Depois de tudo*, Ferraz (1983, pp. 128-129, grifos do original) rememora que “da *Vanguarda Socialista* saiu o Partido Socialista Brasileiro, no ano seguinte”, e a atuação dele e de sua esposa Patrícia Galvão terminara porque “a *Vanguarda Socialista* estava consolidada”. Mesmo com a saída do casal, a *Vanguarda Socialista* continuou sendo publicada até 1948. Ao ser entrevistado por Loureiro (1984, p. 220 e 216, grifos do original), Oliveiros S. Ferreira acredita que “as ideias da *Vanguarda* frutificaram”,

aparecendo “muito do estilo de *Vanguarda*, do pensamento de *Vanguarda*, em alguns núcleos do PT”. “Aquela história da democracia, do partido de massas, quadros e massas fundidos, um relativo espontaneísmo”, conclui Ferreira, “era basicamente a crítica da *Vanguarda*, desmistificadora da União Soviética” (LOUREIRO, 1984, p. 216, grifo do original).

### 2.3 O escritor

O primeiro livro de Mário Pedrosa, *Arte, necessidade vital*, foi publicado em 1949. Remontando à observação de Álvaro Lins, Pedrosa publicou seu primeiro livro após ter marcado sua presença na crítica de arte, através de suas colunas publicadas diariamente no *Correio da Manhã* a partir de 1946, e na política ideológica, através da criação de *A Luta de Classe*, *O Homem Livre* e *Vanguarda Socialista*. *Arte, necessidade vital* foi publicado pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, do Rio de Janeiro, e tratava-se de, nos termos da apresentação do autor, “uma coletânea de trabalhos sobre arte, escritos entre 1933 e 1948” (PEDROSA, 1949, p. 5). Portanto, além das colunas do *Correio da Manhã*, foram selecionados textos anteriores à profissionalização do autor enquanto crítico de arte. O segundo livro de Pedrosa, *Panorama da pintura moderna*, foi publicado em 1952 pelo Ministério da Educação e Saúde para a coleção *Os Cadernos de Cultura*, sob direção de José Simeão Leal. Ao contrário de *Arte, necessidade vital*, o segundo livro do autor não era uma coletânea de trabalhos sobre arte, mas consistia em um ensaio inédito cuja preocupação era expor didaticamente sobre as vanguardas que marcaram a pintura moderna. O próximo livro de Pedrosa demoraria doze anos para ser publicado. Em 1964, o Ministério da Educação e Cultura publicou *Dimensões da arte*, que, assim como o primeiro livro do autor, tratava-se de uma coletânea de trabalhos sobre a arte.

Somente depois de três livros dedicados às artes e de uma incessante produção intelectual ocorrida por meio de periódicos, Pedrosa publicou seus primeiros livros de política. Em 1966, ao publicar *A opção imperialista* e *A opção brasileira*, o autor vinha de um período em que se afastara da imprensa, não se responsabilizando por colunas diárias desde sua saída do *Jornal do Brasil* em 1961. Os dois livros citados tinham como preocupação apreender o Golpe de 1964 através da compreensão das mudanças ocorridas

no interior do imperialismo que levaram os Estados Unidos a se consolidarem como a grande potência do pós-Segunda Guerra Mundial e do desenvolvimento do capitalismo brasileiro até 1964. Apesar dos dois temas serem tratados em volumes separados, eles estavam enredados para Pedrosa. Entretanto, ao procurar apreender as mudanças sofridas pelo capitalismo brasileiro com a expansão da industrialização, Pedrosa recuperou seu ensaio *Esboço em A opção brasileira* pelo fato do ensaio redigido com Lívio Xavier em 1930 ter analisado a formação do capitalismo brasileiro e as contradições sedimentadas pelo seu desenvolvimento que levaram à crise política da década de trinta, cuja consequência seria a hipertrofia do poder executivo.

Pedrosa encontrava-se no exílio quando seu sexto livro foi publicado pela Perspectiva, na coleção *Debates*, dirigida por Jacob Guinsburg. Tratava-se de *Mundo, homem, arte em crise*, onde Aracy Amaral reuniu alguns dos trabalhos sobre arte do colunista publicados no *Jornal do Brasil*, entre 1959 e 1960, e no *Correio da Manhã*, entre 1966 e 1968, publicando-os em conjunto com *A Bienal de cá para lá*, que fora publicado por Ferreira Gullar em *Arte brasileira hoje*, editado pela Paz e Terra em 1973. Voltando do exílio, Pedrosa publicou em 1979 *A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo* pela Civilização Brasileira, mesma editora de *A opção imperialista* e *A opção brasileira*. Em seu terceiro livro de política, o autor recuperou seu comentário e a tradução de Miguel Macedo de *A revolução russa*, de Rosa Luxemburgo, publicados entre 22 de março e 26 de abril de 1946 na *Vanguarda Socialista*. Ainda em 1979, Pedrosa publicou *Arte, forma e personalidade*, organizado por Otilia Beatriz Fiori Arantes para a Kairós Livraria e Editora. Em 1980, ele reuniu os artigos que publicara no *Jornal da República*, entre 1979 e 1980, defendendo a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) em *Sobre o PT*, pela Ched Editorial. Um ano depois, Aracy Amaral voltou a reunir trabalhos sobre arte de Pedrosa para publicar na coleção *Debates* da Perspectiva. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília* de 1981 foi, portanto, o último livro publicado por Pedrosa em vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como analisar o pensamento político de um *intelectual público* cuja obra realizou-se significativamente através de periódicos? Por ainda não haver uma

sistematização das colunas políticas de Pedrosa publicados na imprensa, torna-se inviável para o pesquisador estudar a obra pedrosiana em seu conjunto. Contudo, o autor publicou quatro livros de política em vida: *A opção imperialista e A opção brasileira*, em 1966; *A crise mundial do imperialismo e Rosa Luxemburgo*, em 1979; e *Sobre o PT*, em 1980. Com *Esboço*, de 1930, sendo publicado em 1987 *Na contracorrente da história*, seleção de documentos da Liga Comunista Internacionalista organizada por Fúlvio Abramo e Dainis Karepovs. Na falta de sistematização do conjunto da obra pedrosiana no campo da política, é o material à mão do pesquisador, que, ao entrar em contato com esse material, percebe que o ensaio de 1930 e os livros de 1966 deram-se sob crises políticas – Revolução de 1930 e Golpe de 1964, respectivamente –, enquanto os livros de 1979 e 1980 realizaram-se durante a Transição Democrática. Ao aprofundar-se sobre *Esboço*, *A opção imperialista* e *A opção brasileira*, o pesquisador nota que o autor estava preocupado em interpretar a Revolução de 1930 e o Golpe de 1964 com o objetivo de fornecer instrumentos para a esquerda intervir no processo social. Ao analisar o ensaio e os dois livros citados, o pesquisador nota que a interpretação da Revolução de 1930 e do Golpe de 1964 foi realizada por Pedrosa, mas percebe que o autor não orientava a ação de oposição dos atores sociais frente a Getúlio Vargas e ao Exército. Somente voltando-se para o publicista que o pesquisador consegue apreender as duas instâncias da teoria pedrosiana: a interpretativa, que se realizou em *Esboço*, *A opção imperialista* e *A opção brasileira*, e a de orientação da ação política, que se realizou na imprensa. Daí a necessidade de voltar-se para a atuação intelectual de Pedrosa para a imprensa, destacadamente entre 1945 e 1968 por ser o período em que ele torna-se um intelectual público, escrevendo incessantemente não só sobre artes, motivo em que era contratado pelos grandes jornais, quanto sobre política, quando se posicionava politicamente acerca dos acontecimentos da época. Este artigo, portanto, teve como desafio sistematizar a obra política de Pedrosa, sem preocupação de analisá-la detalhadamente, algo só possível de ser feito com ela em mãos. O primeiro passo está sendo dado aqui, com todas as lacunas de uma pesquisa que se propõe a reunir pela primeira vez uma obra dispersa.

## REFERÊNCIAS



BROUÉ, Pierre. [2005] **O movimento trotskista na América Latina até 1940.** *Cadernos AEL*, Campinas, vol. 12, nº 22/23, pp. 165-196, 2005. Publicado originalmente em: *Cahiers Leon Trotsky*, Grenoble, nº 11, pp. 13-30, set. 1982. Tradução Dainis Karepovs.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. [1995] **As esquerdas e o processo constituinte brasileiro de 1933-34.** *História Social*, Campinas, vol. 1, nº 2, 1995, pp. 55-88.

COGGIOLA, Osvaldo. [2003] **O trotskismo no Brasil (1928-64).** In: MAZZEO, Antonio Carlos; LAGOA, Maria Izabel. (Orgs.) *Corações vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX.* São Paulo: Cortez, 2003, pp. 239-269.

FERRAZ, Geraldo. [1978] **O antropófago Geraldo Ferraz.** *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano LVII, nº 17.944, 20 mai. 1978. *Ilustrada*, p. 1. Entrevista concedida a Moacir Amâncio e Sérgio Gomes.

\_\_\_\_\_. [1983] **Depois de tudo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1983.

LEITE FILHO, Barreto. **O mestre morto.** *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano LXI, nº 19.212, 14 nov. 1981. *Opinião*, p. 3. (Acervo Folha)

LINS, Álvaro. **Sinais da nova geração: o papel dos intelectuais.** In: *A glória de César e o punhal de Brutus.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962, pp. 93-102.

LOUREIRO, Isabel Maria. [1984] **Vanguarda socialista (1945-1948):** um episódio do ecletismo na história do marxismo brasileiro. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984. Orientação Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilena Chauí. 252 pp.

MARQUES NETO, José Castilho. [1993] **Solidão revolucionária:** Mário Pedrosa e as origens do trotskismo no Brasil. Apresentação Francisco Foot Hardman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. (Org.) [2001] **Mário Pedrosa e o Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

PEDROSA, Mário. [1945] **Diretivas.** *Vanguarda Socialista*, Rio de Janeiro, ano I, nº 01, 31 ago. 1945, pp. 1 e 4. (Acervo Particular)

\_\_\_\_\_. [1947] **O mundo perdeu seus mitos.** *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, ano XX, nº 5.943, 09 nov. 1947. *Segunda Seção*, pp. 1-2 e 7. Depoimento concedido a Paulo Mendes Campos. (Fundação Biblioteca Nacional)

\_\_\_\_\_. [1977] **Mário Pedrosa, um coerente**. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano LXXXVII, nº 187, 12 out. 1977. *Caderno B*, p. 1. Entrevista concedida a Maria Lúcia Rangel. (Fundação Biblioteca Nacional)

\_\_\_\_\_. [1977] **Mário Pedrosa, confissões de um livre pensador**. *Folha de São Paulo*, São Paulo, ano LVI, nº 17.793, 20 dez. 1977. *Ilustrada*, pp. 35 e 42. Entrevista concedida a Cláudio Kahns. (Acervo Folha)

\_\_\_\_\_. [1978] **Mário Pedrosa e a vitória dos seus fracassos**. *Pasquim*, Rio de Janeiro, ano IX, nº 469, pp. 4-14, 23/29 jun. 1978. Entrevista concedida a Félix de Athayde, Washington Novaes, Lygia Pape, Hélio Pellegrino, Ziraldo *et al.* (Biblioteca Pública do Paraná) Republicada em: *Pasquim Especial*, Rio de Janeiro, nº 2, dez. 1978. *As grandes entrevistas políticas*, pp. 12-18. (Acervo Particular)

\_\_\_\_\_. [1981] **A arte não é fundamental. A profissão do intelectual é ser revolucionário**. *Pasquim*, ano XIII, nº 646, pp. 7-11, 12/18 nov. 1981. Entrevista concedida a Félix de Athayde, Washington Novaes, Lygia Pape, Hélio Pellegrino, Ziraldo *et al.* (Biblioteca Pública do Paraná)

\_\_\_\_\_. [M. Camboa]; XAVIER, Lívio [L. Lyon]. [1931] **Esboço de uma análise econômica e social do Brasil**. In: KAREPOVS, Dainis; ABRAMO, Fúlvio. *Na contracorrente da história*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 66-82. Publicado originalmente em: *A Luta de Classe*, nº 6, fev./mar. 1931. *La Lutte de Classes*, nº 28/29, fev./mar. 1931.

PEDROSO, Franklin; VASQUEZ, Pedro (Coord.). [1992] **Mário Pedrosa: arte, revolução, reflexão**. Porto Alegre: Centro Cultural Banco do Brasil, 1992.

RESENDE, Otto Lara. [1981] **O outro Brasil**. In: *O príncipe e o sabiá*. Organização Ana Miranda. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 209-212. Publicado originalmente em: *O Globo*, Rio de Janeiro, 08 nov. 1981.

SAID, Edward. [2005] **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SINGER, André. [2001] **O PT**. São Paulo: Publifolha, 2001.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. [1976] **Estados e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)**. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.